NOTAS ETNOLÓGICO-LINGÜÍSTICAS SOBRE A MOENDA
DE CANA-DE-AÇÚCAR NAS COLÔNIAS ALEMÃS
DO RIO GRANDE DO SUL*

Walter Koch

Na falta de sinais tipográficos especiais para a transcrição fonética, serão usados os seguintes símbolos no texto e no glossário:

- a - vogal central anterior breve - Bann
- a: - vogal central posterior longa - Bahn
- e - vogal média anterior aberta breve - Bett
- e: - vogal média anterior fechada longa - beten
- ə - vogal média central átona - Beginn, haben
- i - vogal alta anterior aberta breve - bitten
- i: - vogal alta anterior fechada longa - bieten
- o - vogal média posterior aberta breve - offen
- o: - vogal média posterior fechada longa - Ofen
- u - vogal alta posterior aberta curta - Butter
- u: - vogal alta posterior fechada longa - Hut
- ai - ditongo oral decrescente - nein
- au - ditongo oral decrescente - Baum
- ph - oclusiva bilabial surda aspirada - Panne
- th - oclusiva apicodental surda aspirada - Tanne
- kh - oclusiva dorsovelar surda aspirada - Kanne
- h - aspiração glotal - Haus
- j - fricativa pré-dorsopalatal sonora - jagen
- ç - fricativa pré-dorsopalatal surda - Chemie

* A coleta de material para o presente trabalho foi possível graças a verba concedida pelo Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- x - fricativa dorsovelar surda - lachen
 s - fricativa, palatal surda - Tasche
 ng - oclusiva dorsovelar nasal sonora - lang

Ao colonizarem a encosta da serra, entre os rios dos Sinos-Rolante e Caí, os imigrantes alemães adotaram de imediato uma série de culturas introduzidas neste Estado pelos primeiros colonizadores lusos vindos de Laguna e outros pontos do país. Entre elas, destacam-se as do milho, da batata doce, da mandioca e do feijão prêto que passaram a constituir a base de subsistência dos novos colonos, ao lado da criação de aves e porcos. Um tanto mais lentamente deve ter-se difundido entre eles o cultivo da cana-de-açúcar, já que seu aproveitamento requer um aparelhamento especial cuja aquisição estava fora do alcance dos primeiros imigrantes. Hoje, porém, encontram-se disseminadas em toda a região as moendas de cana, exceto nos pontos mais elevados onde o clima não é propício à cultura da cana.

Vários devem ser os motivos para tal. Em primeiro lugar, o relativo isolamento dos diversos núcleos de colonização obrigava-os a uma certa autosuficiência na produção dos gêneros de primeira necessidade, entre os quais está incluído o açúcar, de largo emprêgo na alimentação das populações de origem germânica. Ainda hoje em dia, são apreciadas as rapaduras, as cucas, os bolos, os doces à base de melado e frutas produzidos nas antigas colônias alemãs. Além disso, numa época em que a cerveja e o vinho ainda eram importados do exterior, a aguardente e os licores de fabricação caseira constituíam bebidas tradicionais entre os colonos.

Como muitas das atividades da zona rural, a industrialização da cana conservou quase sempre o caráter de indústria caseira, explicando-se a partir daí o grande número de moendas que se encontram na região, onde pertencem ao aparelhamento indispensável de cada colono mais abastado. Estão geralmente localizadas nas proximidades dos galpões, em terreno plano de fácil acesso para as carroças. Normalmente

estão totalmente desprotegidas da chuva e do sol, a não ser por um pequeno telhado de fôlhas de zinco montado na própria trave que move a moenda. Só numa pequena área, os cilindros são protegidos lateralmente por tampos de madeira que se retiram durante o trabalho.

Pode ocorrer que dois vizinhos adquirem uma moenda em sociedade. Neste caso, costumam montá-la na divisa entre os dois lotes de terra, numa espécie de território neutro cercado de arame.

Somente aqueles colonos que industrializam a cana em escala maior constroem um telheiro em volta da moenda. Este então abriga também o forno com o tacho para o fabrico de melados e doces e a destilaria quando existente. Se também moem a cana dos vizinhos, recebem 50% da guirapa em pagamento pelo trabalho.

Na construção das moendas empregam-se madeiras de lei, particularmente o angico e o ipê. Sua montagem se faz inteiramente por meio de encaixes, cunhas e tarugos de madeira. As únicas peças metálicas são os pinos em que se apóiam os cilindros e as placas de ferro sobre as quais estes giram.

Encontram-se basicamente dois modelos de moenda: o de três cilindros em linha e o de cilindros dispostos em triângulo, este mais recente que o outro. Ambos os tipos usam cilindros verticais, não se encontrando na região a moenda de cilindros horizontais. Originalmente os cilindros eram sempre de madeira. Só mais tarde foram introduzidos, ao lado destes, cilindros metálicos de fabricação inglesa, americana ou alemã.

A moenda de cilindros em linha tem a desvantagem de requerer dois moedores. O primeiro introduz a cana entre o cilindro central e um dos cilindros externos, o segundo, colocado do outro lado da moenda, apanha a vara já amassada para introduzi-la entre o cilindro central e o outro cilindro externo. No modelo de cilindros em posição triangular, a cana passa pelos dois cilindros secundários num só movimento, reduzindo, assim, a mão-de-obra.

O afastamento entre o cilindro central e os dois secundários é regulado por meio de cunhas e peças em forma de meia-lua de tal forma que a cana sofre maior compressão na segunda passagem que na primeira, ficando, assim, assegurada a extração total da seiva.

A grande maioria das moendas nesta região é movida por bois e só aquelas que servem a uma destilaria possuem motor, não se encontrando nenhuma movida por roda d'água.

Embora os colonos alemães tenham adotado a moenda de cana – “Zukrohrpress” [ˈtsukro:r,pres] ou “Zukrohrwals” [ˈtsukro:r,vals] – dos colonizadores lusos, toda a terminologia a ela referente é germânica. Só para duas peças encontramos, ao lado das designações alemãs, termos derivados do português: a trave que move os cilindros e as duas peças que servem de base à armação da moenda.

A primeira, a bandoleira, é conhecida por “Walsearm” [ˈvalzə,arm] (braço da moenda), “Pressarm” [ˈpresarm] (braço da prensa), “Pressbaum” [ˈpresbaum] (trave da prensa) ou “Maderbaum” [ˈma:dər,baum] (do português “madre” – trave mãe). A ela está pregada a armação para o telhado de folhas de zinco: “Dach” [dax] (telhado).

A base da moenda é constituída de duas pesadas peças de madeira de lei semi-enterradas horizontalmente: “Schwelle” [ˈʃvelə] (soleiras), “Lacher” [ˈla:xər] (leito) ou “Gastalje” [gasˈtaljə] (do português “gastalho”). Nelas estão montados os dois ou quatro pilares da armação da moenda: “Foste” [ˈfostə], “Foschte” [ˈfoStə], “Poste” [ˈphostə] ou “Poschte” [ˈphoStə] (postes). Nas moendas de apenas dois pilares, estes são apoiados por escoras: “Spriese” [ˈʃpri:zə] ou “Spri-e” [ˈʃpri:ə] (escora).

Entre os postes, encontram-se duas peças horizontais bastante largas, entre as quais trabalham os cilindros. A peça inferior, a mesa, é esculpida de modo a formar uma bacia que recolhe a guarapa: “Kump” [kʰump] (bacia), “Bank” [bank] (banco) ou “Disch” [dɪʃ] (mesa). A peça superior, de menor espessura mas igual largura, serve apenas de

mancal aos eixos superiores dos cilindros: “Deckel” [ˈdekəl] (tampa) ou “Bett” [bet] / “Pett” [pʰet] (cama).

Embutidas na face superior da mesa encontram-se pequenas chapas metálicas nas quais se apóiam os pinos de ferro em que terminam os eixos inferiores dos cilindros. Este conjunto é conhecido como “Betrieb von der Wals” [bəˈtri:p fon də vals] (mecanismo do cilindro).

O cilindro central – “Kenichstock” [ke:niç Stok] (bastão real) – através de rodas dentadas – “Kammen” [ˈkʰamən], “Kammre” [ˈkʰamrə] ou “Kammerrad” [ˈkʰamə,ra:t] (roda dentada) – move os cilindros laterais – “auswendiche Walse” [ˈausvendiçə ˈvalzə] (cilindros externos) ou “Baure” [ˈbaurə] (camponeses). Um deles apenas amassa a cana, retirando parte do suco – “Stangewals” [ˈStangə,vals], – enquanto a outra a expreme totalmente – “Bagasswals” [baˈgas vals].

A extremidade superior do eixo desses cilindros é denominada “Hals vom Baure” [hals fom ˈbaurə] (pescoço do camponês). A pressão dos cilindros laterais contra o central é regulada por meio de cunhas e peças em forma de meia-lua: “Keil” [kʰail] (cunha) e “Halbmond” [ˈhalpmo:nt] (meia-lua).

Num caso isolado, encontramos, num lado de uma moenda de cilindros em linha, uma folha de zinco presa à armação da moenda entre os cilindros externos que acompanhava a curvatura do cilindro central, guiando, assim, a cana já amassada ao longo deste, do primeiro ao segundo cilindro externo. A moagem faz-se aqui num processo único, bastando um só moedor. Como esta folha de zinco, portanto, faz o trabalho de um empregado, tomou a denominação de “peão”: “Knecht” [kʰneçt]. Nas moendas com cilindros dispostos em triângulo, uma peça de madeira com a mesma finalidade encontra-se no centro dos três cilindros: “Knecht” ou “Umstecker” [ˈumStekər].

Enquanto as moendas movidas por bois alcançam apenas cinco a seis rotações por minuto, as movidas por meio de motor trabalham com quinze rotações. Aqui torna-se ne-

cessária uma proteção para a mão do moedor. uma peça de madeira com uma fenda ao centro, por onde se introduz a cana: "Sicherung" ['ziçəʁʊŋ].

A maior parte desta terminologia é derivada da linguagem da técnica de construção: "Lacher" é a designação usual para o alicerce da casa, "Schwell" é a soleira da porta, "Foste" (e suas variantes) são os pilares da casa ou da cerca, "Spriese", as escoras. Outros são termos da marcenaria: "Bank" (banco), "Disch" (mesa), "Bett" (cama), "Deckel" (tampa de caixa), "Kump" (bacia de madeira). Quanto à designação dos cilindros, possivelmente tenha havido empréstimo da terminologia do jogo de bolão, esporte muito difundido entre os colonos, que conhecem o boneco central como "Kenich" (rei) e os oito externos por "Baure" (camponeses). Os termos "Hals" (pescoço) e "Halbmond" (meia-lua) foram encontrados por semelhança a objetos naturais.

RELAÇÃO ALFABÉTICA DOS TERMOS

(Os números correspondem aos da figura)

- auswendiche Walse** ['ausvendiçə 'valzə] – cilindros externos (1)
Bagasswals [ba'gasvals] – segundo cilindro externo
Bank ['bank] – trave horizontal sôbre a qual se apóiam os cilindros (2)
Baure ['baurə] – o mesmo que "auswendiche Walse" (1)
Betrieb von der Wals [bə'tri:p fon də vals] – pinos metálicos na extremidade inferior dos eixos e chapas metálicas em que êstes se apóiam (não aparece na figura)
Bett / Pett [bet] / [phet] – trave horizontal acima dos cilindros (3)
Dach [dax] – telhado de fôlha de zinco (4)
Deckel ['dekəl] – o mesmo que "Bett" (3)
Disch [diʃ] – o mesmo que "Bank" (2)
Foste/Foschte ['fostə] / ['foʃtə] – os postes verticais (5)
Gastalje [gas'taljə] – peça em que se apóiam os postes (6)

- Halbmond** ['halpmo:nt] – peça em forma de meia-lua que serve para regular a pressão dos cilindros (7)
- Hals vom Baure** [hals fom 'baurə] – o eixo superior dos cilindros externos (8)
- Kamm** [kham] – um dente da roda dentada dos cilindros
- Kammen / Kammre** ['khamən] / ['khamrə] – roda dentada dos cilindros (10)
- Kammerad** ['khamə,ra:t] – o mesmo que “Kammen” (10)
- Keil** [khail] – cunha para regulagem da pressão dos cilindros (9)
- Kenichstock** ['khe:niç,Stok] – cilindro mestre (11)
- Knecht** [khnegt] – fôlha de zinco curva que guia a cana em volta do cilindro mestre nas moendas de cilindros em linha; peça de madeira com a mesma finalidade nas de cilindros em triângulo (não aparece na figura)
- Kump** [khump] – o mesmo que “Bank” (2)
- Lacher** ['la:xəʳ] – o mesmo que “Gastalje” (6)
- Maderbaum** ['ma:dər,baum] – longa trave prêsa ao eixo do cilindro mestre pela qual os bois movem a moenda (12)
- Poste / Poschte** ['phostə] / ['phoStə] – o mesmo que “Foste” (5)
- Pressarm** ['phresarm] – o mesmo que “Maderbaum” (12)
- Pressbaum** ['phresbaum] – o mesmo que “Maderbaum” (12)
- Schwell** [Svel] – o mesmo que “Gastalje” (6)
- Sicherung** ['ziçə rung] – proteção para a mão do moedor (13)
- Spriese** ['Spri:zə] – escoras dos postes (14)
- Stangewals** ['Stangə,vals] – primeiro cilindro externo
- Steibe** ['Staibə] – o mesmo que “Spriese” (14)
- Wals** [vals] – cilindro em geral (1 e 11)
- Walsearm** ['valzə,arm] – o mesmo que “Maderbaum” (12)